Como a guerra no Médio Oriente pode afetar a economia?

Por: Prof. Doutora Maria João Tomás | Professora IBS-ISCTE-IUL | Analista de Política Internacional SIC Notícias

O mais recente episódio de incremento da tensão político-militar na região do Médio Oriente, despoletado pelo conflito que opõe Israel ao grupo palestiniano Hamas desde os ataques do passado dia 7 de outubro, tem gerado incerteza acerca dos potenciais impactos sobre a economia mundial. O peso da região enquanto fornecedora de matérias-primas energéticas e a importância da localização para as rotas comerciais, poderão continuar a fazer sentir-se ao nível não só do aumento do preço dos bens transacionáveis internacionalmente, como do funcionamento de abastecimento e de produção.

Um dos umbigos do mundo está de novo em guerra. Tudo o que se passa no Médio Oriente afeta-nos diretamente, não só em termos económicos, mas também geoestratégicos.

Berço das civilizações que moldaram o mundo Ocidental, mas também do mundo islâmico, tudo o que se passa nesta zona do planeta tem efeitos imediatos, quanto mais não seja porque aqui estão das maiores reservas de petróleo e gás do mundo. As célebres crises do petróleo do século XX que tanto impacto tiveram, resultaram de acontecimentos no Médio Oriente - Guerra dos 6 Dias em 1967, Yom Kipur em 1973, Revolução Islâmica de 1979 e Guerra Iraque-Irão. Por outro lado, 7 dos 13 membros da Organização dos Países Exportadores de Petróleo, OPEP, são desta região.

Apesar de atualmente, em 2024, sete meses depois do início da guerra Israel HAMAS, o preço do petróleo ainda estar controlado, o risco de aumentar acentua-se à medida que o conflito se prolonga e com a possibilidade de escalar para uma guerra regional com implicações mundiais.

Os Houthis do Iémen, aliados do Irão, estão a bloquear o comércio num dos maiores checkpoints mundiais, o estreito de Bab El Mandab, onde passa 22% do comércio mundial do planeta vindo do Oriente em direção ao Mediterrâneo e à Europa, atravessando o Mar Vermelho, em direção ao Canal do Suez. O tráfego pelo canal egípcio caiu para 50%, uma média de menos 67% porta-contentores por semana.

Os operadores têm optado pela Rota do Cabo da Boa Esperança, 40% mais longa, quinze dias mais demorada, disparando os custos do frete marítimo, entre combustível, refrigeração e seguros em quase 300%, refletindo nos preços ao consumidor final num aumento de pelo menos 8%. Acresce a perecibilidade das mercadorias, o efeito cascata disruptivo nas cadeias de abastecimento e de produção, e também nos horários dos transportes marítimos com consequências imediatas na escassez temporária de contentores e maior congestionamento em alguns portos.

Os sectores da industria transformadora e do retalho são os mais afetados pelos atrasos nas entregas, overbooking de contentores, navios e portos, tendo a Tesla, Ghent, Steliants, Volkswagen sido forçados a paragens de produção.

Os Houthis são ainda acusados de terem danificado vários cabos submarinos de telecomunicações que passam no Mar Vermelho. As companhias AAE-1, Seacom, EIG e TGN reportaram vários danos nos cabos, e interrupções nas ligações da internet, entre a Europa e a Ásia, sentidas sobretudo nos Países do Golfo e na Índia.

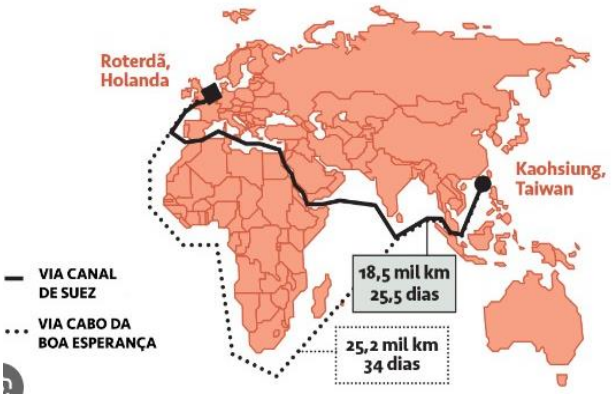
Estreito de Bab El Mandab

Fonte: UNCTAD

...

...

Rota do Cabo da Boa Esperança



Fonte: UNCTAD

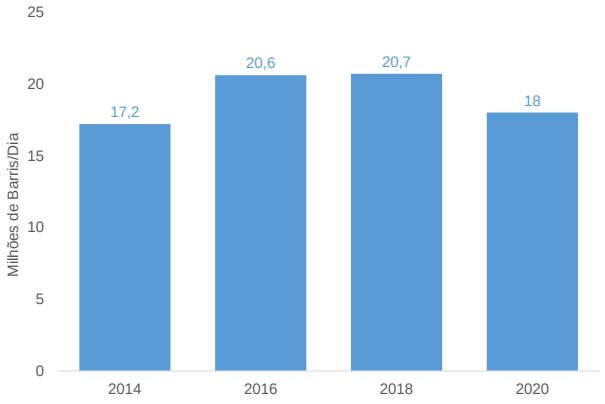
Na parte Norte da Península Arábica, perto do Golfo Pérsico, no ponto mais estreito de passagem, logo a seguir ao Golfo de Omã, fica o Estreito de Ormuz, onde passa, diariamente cerca de 30% do petróleo mundial. Recentemente o Irão ameaçou intensificar a captura de navios petroleiros e porta-contentores, como aconteceu com o MSC ARIES de bandeira portuguesa.

Não sendo novidade, episódios semelhantes ocorreram no passado, mas a tensão que existe no momento graças à guerra e ao apoio do Irão ao HAMAS, facilmente pode originar um confronto direto. Por aqui saem os navios petroleiros do Kuwait, Arábia Saudita, Emirados Árabes Unidos, Irão e Iraque. Facilmente se percebe o impacto energético e regional de um conflito nestas águas.

Estreito de Ormuz

Fonte: UNCTAD

Milhões de barris de petróleo que passaram pelo Estreito de Ormuz - 2014-2020



Fonte: Statista

Os dois protagonistas da guerra são os mais afetados. A devastação em Gaza dificilmente se recuperará em poucos anos e será necessária uma reconstrução profunda. A grande questão que se coloca é quem a fará.

Do lado de Israel, há fortes indicadores do declínio da confiança económica internacional no país. A incerteza quanto ao desfecho da guerra e à sua duração, teve como consequência imediata um decréscimo dramático no turismo em Israel e na Cisjordânia. Sendo Jerusalém Cidade Santa para as três principais religiões monoteístas, o turismo é uma grande fonte de receitas, que quase desapareceu desde 7 de outubro 2023. A economia de Israel contraiu quase 20%, comparativamente ao ano transato, com custos de guerra à volta de $260 milhões/dia. Foram mobilizados 360 000 reservistas, perto de 8% da força de trabalho de Israel, mão-de-obra jovem e altamente qualificada. O PIB per capita diminuiu em 6% devido a faltas ao trabalho, assistência e acompanhamento de familiares, não havendo dados do impacto da falta de trabalhadores palestinos que todos os dias iam trabalhar em Israel, cerca de 164 mil. Setores primários, como a agricultura, são os mais afetados, onde estavam cerca de 15.000 trabalhadores estrangeiros. Se os palestinos não o podem fazer neste momento, os restantes, sobretudo asiáticos, abandonaram o país com medo da guerra, cerca de 16,2% do total da força de trabalho de Israel. Empresas como a Samsung Next, Wix and Wize, Papaya, e várias start ups, retiram-se de Israel, não só devido à incerteza da guerra, mas também por causa das reformas judiciais que ameaçavam a única democracia digna desse nome nesta zona do planeta. ...

…. Do lado do consumo, houve um decréscimo de 27%, tendo a shekel, a moeda israelita, tido a maior queda em 14 anos. A estagnação do investimento, cerca de 70%, a diminuição do rating da Moody's, a falta de produtividade e disrupção das cadeias de produção e abastecimento, são péssimos indicadores para a economia de Israel, com uma diminuição de cerca de 10% do PIB entre 7 outubro a maio de 2024.

Outras implicações económicas refletem-se no boicote de consumidores às marcas que apoiam Israel, Coca-Cola, Starbucks ou McDonald's, com manifestantes pró Palestina invadindo e partindo montras. A PUMA registou um decréscimo na procura porque é patrocinadora da Seleção Nacional de Futebol de Israel.

A possibilidade, real, de escalada regional do conflito, potencia ainda mais todo este cenário, já de si pouco animador. O Irão é o grande apoiante do HAMAS e conta com vários aliados, o Hezbollah do Líbano, os Houthis do Iémen, ou as milícias pró-iranianas do Iraque, como a Resistência Islâmica. Têm em comum pertencerem ao ramo xiita do Islão, são chamadas "Eixo da Resistência", as mesmas do "Eixo do Mal" como Bush-filho e Condolezza Rice denominaram. Pertence ainda a este grupo, Bashar Al Assad, presidente da Síria, que só se envolverá se houver conflito direto. O HAMAS, centro de toda esta guerra, pertence ao ramo sunita do Islão. Todos têm em comum serem anti Israel ou defensoras do pan-islamismo, ideal que preside ao regime teocrático do Irão.

Apreensivos com o conflito estão os outros países árabes sunitas que não se querem envolver, até porque o HAMAS tem como ideologia de base a Irmandade Muçulmana que foi banida em quase todos estes países, considerada como organização terrorista. Acolher refugiados vindos de Gaza é um grande problema, porque não se sabe se o HAMAS envia militantes infiltrados ou se os próprios refugiados serão apoiantes da causa dos Irmãos Muçulmanos. Por outro lado, a aproximação de algumas monarquias árabes a Israel com os Acordos de Abraão, e que o HAMAS não estava a encarar com bons olhos, torna ainda mais difícil toda a situação, muito embora os Acordos de Abraão tenham sido suspensos imediatamente após o ataque de 7 de outubro.

Os apoios externos dos dois lados do conflito também são importantes. Israel tem como aliado incondicional os EUA, muito embora Biden não seja muito simpatizante deste governo do primeiro-ministro Benjamim Netanyahu, sendo critico ao ponto de achar que é parte do problema. Do lado do Irão e do HAMAS, temos a Rússia. A proximidade com o grupo que governa a faixa de Gaza desde 2007 é conhecida, e a aliança com o regime dos Aiatolas vem desde a queda da URSS. A proximidade do Irão à Rússia, tem sido reforçada com a guerra na Ucrânia e também com as sanções internacionais que ambos são alvo.

Importante também dar conta do papel da China. Aspirante a ser a primeira economia mundial, atravessa um período de estagflação que atrapalha as suas aspirações, face ao bom desempenho da economia dos EUA. Por essa razão, e com medo de sanções internacionais, não se mete em conflitos, mas tem sido acusada de fornecer componentes para armamento militar russo. Não deverá envolver-se diretamente na guerra HAMAS-Israel mas o recente encontro que promoveu entre a Fatah da Cisjordânia e o HAMAS da Faixa de Gaza mostra que está atenta e que quer ser parte da solução de paz. Não nos esqueçamos do entendimento que promoveu entre a Arábia Saudita e o Irão, os dois gigantes do Médio Oriente, inimigos até então. Para a sua ambição económica, ser protagonista político e promotor da paz, é fundamental.

O Médio Oriente, um dos umbigos do mundo, sempre foi palco de inúmeros conflitos, alguns com escala quase mundial para a época. A proximidade do mediterrâneo é, e sempre foi um dos principais motivos de guerra. A descoberta de petróleo e gás nas águas territoriais de Israel e da Faixa de Gaza, bem como a ambição de construir uma alternativa ao Canal do Suez são ambições que atrapalham a paz e incentivam à guerra. Podemos ter meses, até anos nesta guerra, mas se Trump ganhar em novembro temos a certeza que a guerra acabará porque várias vezes já referiu que a Palestina é parte integrante de Israel. Provavelmente será esta a razão que Netanyahu não está interessado em acordos de paz e num cessar-fogo.

Espera-se, portanto, que a guerra continue, pelo menos até novembro.

As opiniões expressas são pessoais e vinculam apenas o autor

…

...

Bibliografia:

Navigating troubled waters: Impact to global trade of disruption of shipping routes in the Red Sea, Black Sea and Panama Canal | UNCTAD

https://unctad.org/publication/navigating-troubled-waters-impact-global-trade-disruption-shipping-routes-red-sea-black

Trading Economics
Containerized Freight Index - Price - Chart - Historical Data - News (tradingeconomics.com)

Trading Economics e Eurostat
https://tradingeconomics.com/european-union/inflation-rate#:~:text=Inflation%20Rate%20in%20European%20Union,source%3A%20EUROSTAT

As opiniões expressas são pessoais e vinculam apenas o autor.

Artigo redigido a 9 de abril

Para além da Direção de Estratégia, contribuiu para a elaboração deste documento, para a revisão do mesmo, a Direção de Supervisão e Compliance.

Caixa Gestão de Ativos, SGOIC, S.A.

Sede Social: Av. João XXI, 63 - 1000-300 Lisboa

Capital Social € 9.300.000 - NIPC 502 454 563

www.caixagestaodeativos.pt

Esta informação é realizada com um objetivo informativo. Não constitui uma recomendação de investimento e não pode servir de base à compra ou venda de ativos nem à realização de quaisquer operações nos mercados financeiros assim como não deve ser considerado a base de qualquer tipo de contrato ou investimento que possa ser realizado. Na preparação do presente documento não foram considerados objetivos de investimento, situações financeiras ou necessidades específicos dos clientes, não tendo existido na sua elaboração a adequação da informação a qualquer investidor efetivo ou potencial nem ponderadas circunstâncias especificadas de qualquer investidor efetivo ou potencial.

A presente informação incorpora a visão desenvolvida pela Caixa Gestão de Ativos, SGOIC, S.A. (empresa do Grupo Caixa Geral de Depósitos) e baseia-se em informação pública disponível e nas condições de mercados à data, proveniente de várias fontes que se creem credíveis, não sendo possível garantir que a mesma esteja completa ou precisa, estando sujeita a revisões, atualizações e alterações futuras sem aviso prévio. Não pode, assim, ser imputada qualquer responsabilidade à Caixa Gestão de Ativos, SGOIC, S.A., por perdas ou danos causados pelo seu uso.

As rendibilidades divulgadas representam dados passados, não constituindo garantia de rendibilidade futura.

A presente informação não dispensa, de modo algum, a consulta das Informações Fundamentais destinadas aos Investidores (IFI) ou dos Documentos de Informação Fundamental (DIF) e dos Prospetos, disponíveis em www.cmvm.pt e www.caixagestaodeativos.pt

Salvo autorização expressa da Caixa Gestão de Ativos, não está autorizada a publicação, duplicação, extração e transmissão destes conteúdos informativos. A Caixa Gestão de Ativos , não se responsabiliza por qualquer facto suscetível de alterar a integridade do conteúdo desta mensagem, resultante da sua transmissão eletrónica.

Caixa. Para todos e para cada um.

Caixa Gestão de Ativos